

NOVAS PERSPECTIVAS PARA O ENSINO DE FLEXÃO VERBAL

Vitor de Moura Vivas (IFRJ)
vitorvivas@yahoo.com.br

Diversos autores discutem os processos morfológicos de flexão e derivação como distintos de forma gradiente e não discreta. Dentre estes, podemos citar Bybee (1985; 2010); Booij (1996; 2006); Manova (2005); González Torres (2010); Winter (2011); Piza (2001); Gonçalves (2005; 2011). Nossa abordagem é de base funcionalista-cognitivista, visto que nos fundamentamos em noções caras ao cognitivismo como gradiência e radialidade. Propomos que as marcas modo-tempo-aspectuais (MTA) e número-pessoais (NP) não devem ser entendidas como totalmente flexionais em português. Por mais que essas partículas apresentem mais características flexionais, atributos derivacionais também existem. Desse modo, uma visão que considere uma separação gradiente entre flexão e derivação parece bastante adequada aos dados. Demonstramos, no I Congresso Ibero-Americano de Linguística Cognitiva, que as palavras morfológica-mente estruturadas com elementos MTA e NP nem sempre são estáveis quanto à classe morfológica e ao significado, fundamentando-nos em critérios como lexicalização categorial, instabilidade categorial, lexicalização semântica, improdutividade, não obrigatoriedade etc. Além disso, essas marcas, em alguns momentos, estão a serviço da expansão lexical. Isso evidencia a existência de padrões derivacionais instanciados por essas marcas, que devem ser descritos e abordados na morfologia do português. Acreditamos que, quando se trata de flexão verbal, a categorização por protótipos é mais efetiva que a categorização nos moldes clássicos (aristotélicos), visto que dá conta de quaisquer dados produzidos na língua. Com a análise desses critérios apontados acima, evidenciamos que um olhar efetivo para os dados verbais do português indica que existem padrões derivacionais instanciados pelas marcas de MTA e NP. No I Congresso Ibero-Americano de Linguística Cognitiva, além de apresentar esses padrões derivacionais, evidenciamos as suas motivações formais e semânticas. Assim, objetivamos apresentar, na forma e no significado, o que faz com que apenas algumas marcas instanciem padrões derivacionais.